

COMPORTAMENTO SEXUAL DE JOVENS DO ENSINO MÉDIO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE QUIRINÓPOLIS, GO

Fernanda Dias Santos¹ (AC – fernandads20@gmail.com)*, Reile Ferreira Rossi¹ (FM), Lourenço Faria Costa¹ (PO).

¹Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Sudoeste – Sede Quirinópolis. Avenida Brasil, nº 435, Conjunto Hélio Leão, CEP: 75860-000, Quirinópolis, Goiás.

Resumo: A educação sexual é importante nas escolas a sexualidade de jovens no contexto de Infecções Sexualmente Transmissíveis gravidez precoce. Assim, este estudo teve como objetivo averiguar alguns aspectos do comportamento sexual de estudantes do Ensino Médio de uma escola pública na cidade de Quirinópolis - GO. Para isso, como instrumento de coleta de dados, foi aplicado um questionário para 40 estudantes da 1º, 2º e 3º série. As perguntas se relacionaram à percepção relativa sobre relações sexuais, uso de preservativos e dúvidas sobre sexo. De um modo geral observou-se que a maior parcela de jovens associou o sexo a algo natural e prazeroso, mas também a filhos e casamento. A maioria não assimilou relações sexuais com medo ou Infecções Sexualmente Transmissíveis. Ainda, metade dos participantes já tiveram relações sexuais. Esses dados não diferiram significativamente entre jovens do sexo masculino e feminino nem entre as séries, o que pode ter se relacionado com a pouca diferença etária e à similaridade de origem e vivência social do grupo analisado. Apesar de muitos terem alegado tirar dúvidas sobre sexo com especialistas, a maioria nunca fez consultas médicas com urologista / ginecologista. Ainda assim, entre aqueles que já se consultaram, a maioria eram jovens do sexo feminino. Pode-se concluir que esses jovens possuem uma percepção dúbia em relação ao sexo que remete tanto a concepções liberais quanto conservadoras, não existindo diferenças significativas entre o sexo feminino e masculino. Por fim, a baixa procura entre médicos especialistas suscita a necessidade de políticas públicas voltada para a educação sexual nas escolas.

Palavras-chave: Infecções Sexualmente Transmissíveis. Sexualidade. Jovens. Educação.

Introdução

A educação sexual nas escolas se faz importante pois têm alunos não sabem o que são Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's). Mesmo o assunto sendo abordado como conteúdo em Ciências da Natureza. E na maioria dos casos, os adolescentes não têm conhecimento sobre os métodos contraceptivos e nem sabe usá-los corretamente (ROSA et al. 2020). Existem muitos tabus relacionados ao tema em si, o que configura dificuldades para se tratar do assunto de forma profissional (GARBARINO, 2021). Falar sobre educação sexual é até visto como errado, pois muitos acham que é um incentivo para os adolescentes terem uma vida sexual ativa precocemente (GARBARINO, 2021). Como consequência, os adolescentes não têm uma relação aberta com os pais e com isso essa responsabilidade é jogada para a escola (FURLANETTO et al, 2018).

Em relação às IST's, quando é perguntado para os alunos sobre seus conhecimentos, a mais citada é o HIV, pois esta tem maior ênfase, por causa do surto

de casos na década de 1980 e por não ter cura, as outras infecções o conhecimento é considerado inferior em relação ao vírus da Síndrome da Imunodeficiência Humana (AIDS) (SILVA et al., 2021). A gravidez precoce também é um assunto bastante discutido, pois como consequência acontece a evasão escolar (RODRIGUES; SILVA; GOMES, 2019). A jovem mãe é responsável por um bebê e com isso seus deveres aumenta, na maioria dos casos ela se encontra em uma classe social menos favorecida, assim optando por deixar a escola para poder trabalhar, porque precisa ajudar financeiramente dentro de casa. Em outros casos o parceiro pede para que essa jovem assuma os compromissos de casa integralmente (ROSA et al., 2020, RIBEIRO; MONTEIRO, 2019, RODRIGUES; SILVA; GOMES, 2019).

O professor juntamente com a escola deveria estudar projetos de intervenções mais efetivas, conscientizando sobre a importância do uso de métodos contraceptivos e a importância do uso de preservativos (RODRIGUES; SILVA; GOMES, 2019). Abrir espaços para conversas e incluir os pais nesses projetos, para desmistificar a sexualidade (GARBARINO, 2021).

É importante entender que precisa ser discutido sobre temas considerados tabus pela sociedade, abordá-los de formas adequadas e compreender que o diálogo é uma ferramenta imprescindível (FURLANATTO et al., 2018). Direcionar os adolescentes da melhor maneira possível e que se faz necessário tais conversas para conscientização deles. Para não ocorrer uma transmissão de IST ou uma gravidez indesejada por dúvidas que não foram devidamente esclarecidas (ROSA et al., 2020). Como consequência esses jovens ficam presos aos tabus e a ignorância impostos pela sociedade, onde é considerado imoral e vergonhoso falar sobre sexualidade. O presente estudo tem como objetivo analisar o comportamento sexual dos estudantes, de uma escola estadual de rede pública de Quirinópolis- Go

Material e Métodos

A coleta de dados foi realizada em uma escola Estadual de Quirinópolis, sendo o funcionamento em três turnos: matutino, vespertino e noturno. Os estudantes atendidos pela escola são de origem urbana, semiurbana e de zona rural de classe média e baixa. Para fazer a coleta foi aplicado um questionário para as turmas 1º ao 3º ano do Ensino Médio no turno vespertino. O procedimento metodológico foi

aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UEG sob protocolo nº16312219.6.0000.8113.

Foram obtidos dados apenas de estudantes do período vespertino, considerando a logística de aplicação do questionário que foi mais favorável à obtenção das informações: tempo de coleta de dados e disponibilidade dos professores que auxiliaram e cederam tempo de aula para o procedimento. Para cada turma (1º, 2º e 3º séries) os questionários foram aplicados a todos(as) os(as) estudantes presentes no momento – a única exceção foram jovens com deficiências. Na ocasião, professores(as) auxiliaram na aplicação dos questionários conversando com seus alunos sobre a abordagem pretendida e cedendo um período final de suas respectivas aulas para o procedimento. Este, por sua vez, se iniciou com uma breve explanação do coordenador da proposta à turma (considerando a temática envolvida), conforme preconizado pelas determinações do CEP, resguardando aos estudantes a garantia do sigilo e a plena liberdade de escolha em não participar (podendo inclusive entregar o questionário em branco). Após essa explanação, o questionário foi entregue a todos(as) sem leitura das perguntas para não haver direcionamento quanto às respostas e/ou constrangimentos. O coordenador do projeto permaneceu na sala o tempo necessário para que todos(as) entregassem o questionário.

As análises foram feitas considerando os diferentes estudantes, identificação geral e categorização das perguntas: blocos de perguntas gerais (de perfil dos participantes), perguntas sobre percepção relativa sobre sexo, Infecção Sexualmente Transmissíveis e preservativos. Após essa categorização, foi utilizado o Excel para a organização dos resultados para posterior análise e interpretação.

Resultados e Discussão

De um modo geral, constatamos que os estudantes do ensino médio avaliados associaram sexo principalmente com prazer (80%), natural (67%) e filhos (60%) (tabela 1). Esses dados podem refletir a percepção de naturalização das relações sexuais entre esses jovens, considerando que poucos associaram com vergonha e proibição.

Tabela 1. Percepção relativa sobre relação sexual, de acordo com série e sexo, entre 40 estudantes de ensino médio de uma escola pública de Quirinópolis.

Sexo / série	Sexo se relaciona com									
	N (%)									
	Prazer	Natural	Proibido	Doenças	Vergonha	Filhos	Casamento	Saúde	Medo	Necessidade
M - 1º ano	8 (53,3)	6 (42,8)	(100,0)	-	1 (50,0)	6 (60,0)	4 (66,6)	2 (28,5)	1 (50,0)	4 (66,6)
F - 1º ano	7 (46,7)	8 (57,2)	-	2 (100,0)	1 (50,0)	4 (40,0)	2 (33,4)	5 (71,5)	1 (50,0)	2 (33,4)
Subtotal 1º ano (N=18)	15 (83,3)	14 (77,8)	1 (5,5)	2(11,1)	2 (11,1)	10 (55,5)	6 (33,3)	7 (38,8)	2 (11,1)	6 (33,3)
M - 2º ano	5 (55,5)	4 (57,1)	-	1 (33,3)	-	2 (50,0)	4 (80,0)	1 (33,3)	-	0
F - 2º ano	4 (44,4)	3 (42,9)	-	2 (66,7)	-	2 (50,0)	1 (20,0)	2 (66,7)	-	1 (100,0)
Subtotal 2º ano (N=10)	9 (90,0)	7 (70,0)	-	3 (30,0)	-	4 (40,0)	5 (50,0)	3 (30,0)	-	1 (10,0)
M - 3º ano	5 (62,5)	4 (66,6)	1 (100,0)	0	1 (50,00)	6 (60,0)	4 (66,6)	2 (40,0)	1 (50,0)	4 (66,6)
F - 3º ano	3 (37,5)	2 (33,4)	-	2 (100,0)	1 (50,0)	4 (40,0)	2 (33,4)	3 (60,0)	1 (50,0)	2 (33,4)
Subtotal 3º ano (N=12)	8 (66,6)	6 (50,0)	1 (8,3)	2 (16,6)	2 (16,6)	10 (83,3)	6 (5,0)	5 (41,6)	2 (16,6)	6 (50,0)
TOTAL	32 (80,0)	27 (67,5)	2 (5,0)	7 (17,5)	4 (10,0)	24 (60,0)	17 (42,5)	15 (37,5)	4 (10,0)	13 (32,5)

M – masculino; F – feminino

*Sem informação de sexo: 1º ano (1 caso), 3º ano (2 casos)

Ainda assim, a despeito dessa visão mais natural sobre sexo entre jovens (FREITAS; DIAS, 2010), muitos associam sexo com filhos, o que chama atenção considerando o fato de “medo” e “doenças” serem percepções pouco mencionadas. Isso leva a crer que aparentemente o receio de jovens em relação às relações sexuais (quando o há), pode se relacionar à gravidez e não propriamente à Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Este fator pode refletir no preocupante aumento de IST’s entre jovens dessa faixa etária (GRECO, et al., 2020).

Do total, 15% associaram sexo à saúde, sendo que apenas 33,3 % dos meninos fazem essa associação. De fato, mulheres são mais atentas em relação à saúde e vão mais ao médico que homens (COSTA-JÚNIOR; COUTO; MAIA, 2016), levando em consideração ao fato que maior parte da assimilação de sexo a doenças partiu das meninas (apenas um menino que fez essa vinculação). Ainda, nove meninas e apenas um menino consultaram especialistas.

Quanto à prática e saúde sexual, vimos que as associações dos meninos e das meninas são parecidas (tabela 2), pois eles possuem comportamentos sociais diversificados, mas há um entendimento comum entre eles. Não vimos uma diferença significativa entre as séries em relação as associações, pois eles estão na mesma faixa etária, levando em consideração que esses jovens estão inseridos em um contexto social parecido. Dos participantes, ninguém respondeu que tinha filhos. Apenas uma participante do sexo feminino respondeu que já teve IST (sífilis, clamídia e HPV) e que a mesma foi ao médico para tratar as infecções.

Tabela 2. Prática e saúde sexual entre 40 estudantes de ensino médio de uma escola pública de Quirinópolis.

Idade	Sexo* N (%)		Relações sexuais N (%)		IST e consulta médica N (%)		Consulta com especialista N (%)	
	M	F	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO
15	5(20,0)	4(23,5)	3(15,0)	4(21,0)	-	8(21,6)	1(11,1)	7(22,6)
16	6(30,0)	4(23,5)	5(25,0)	6(31,5)	-	11(29,7)	2(22,2)	9(29,0)
17	2(10,0)	4(23,5)	1(5,0)	5(26,3)	-	5(13,5)	2(22,2)	4(12,9)
>18	5(25,0)	2(11,8)	7(35,0)	-	-	7(18,9)	2(22,2)	5(16,1)
NI	3(15,0)	3(17,6)	4(20,0)	4(21,0)	1(100,0)	6(16,2)	2(22,2)	6(19,4)
Total	20 (50,0)	17 (42,5)	20 (50,0)	19 (47,5)	1 (2,5)	37 (92,5)	9 (22,5)	31 (77,5)

M – masculino; F – feminino; NI – Não informado

*Três participantes não informaram o sexo;

IST – Infecção sexualmente transmissível: dois participantes não informaram se já tiveram IST

A maioria absoluta alegou não ter tido IST (37/40 – 92,5%). Porém, esse resultado não exclui a possibilidade de esses jovens já terem contraído infecção em algum momento, considerando que metade dos participantes disseram já ter tido relações sexuais e que 77,5% dos jovens não terem realizado nenhuma consulta médica com especialista. Neste caso, portanto, a não realização de exames médicos periódicos ou pontuais, pode ter obliterado casos de IST.

Maiores de 18 anos de idade consultaram médicos especialistas em menor proporção em relação aos menores de idade: 22,2% e 55,5%, respectivamente. Este dado chama atenção pelo fato de que jovens com 18 anos de idade ou mais podem não ter mais tanta percepção de acuidade quanto ao sexo com o tempo.

Quanto ao uso de preservativos e dúvidas sobre sexo (tabela 3), ninguém respondeu que não vai usar preservativo, nem que “não faz questão” de usar. Apenas um menino e uma menina responderam que tirariam dúvida sobre sexo com professor e em cartilhas educativas; dois meninos e nenhuma menina com amigos (as); ninguém respondeu que tiraria dúvidas com líder religioso.

Metade dos participantes já tiveram relações sexuais, sendo que não houve diferença entre meninos e meninas. Neste caso, Teixeira et al. (2006) já averiguaram em três capitais que há de fato frequência relativamente elevada de jovens que iniciam a vida sexual antes dos 17 anos de idade, tanto entre meninas quanto entre meninos. Ainda, Sasaki et al. (2015), também averiguaram uma iniciação sexual precoce entre estudantes, e associado com condições sócio-demográficos precárias. Acreditamos, portanto, que a elevada frequência de jovens que já tiveram experiências sexuais possa se relacionar com contexto social ao qual eles são oriundos.

De qualquer forma, a maioria (75,0%) alegou que usaria preservativo em uma relação sexual, mas 15,0% disseram que já deixou de usar – maioria entre os meninos (4/6 – 66,7%). Este dado pode ser reflexo da importância atribuída aos preservativos na prevenção de infecções e gestação precoce, mas, ao mesmo tempo, denota percepções diferenciadas entre meninas e meninos. Para esses últimos, o uso de preservativos pode ser considerado algo que dificultaria o prazer (BEZERRA et al., 2015).

Tabela 3. Comportamento sexual e dúvidas sobre sexo, de acordo com gênero, entre os 40 estudantes de ensino médio de uma escola pública de Quirinópolis.

Sexo	Relações sexuais N (%)		Preservativos N (%)		Com quem tira dúvidas sobre sexo N (%)				
	SIM	NÃO	Vou Usar	Já deixei de usar	Pais	Especialistas*	Namorado(a)	Já sei tudo	Queria saber, mas não pergunto
Masculino	10(50,0)	9(50,0)	14(46,7)	4(66,7)	12(85,7)	8(47,1)	5(62,5)	3(50,0)	3(50,0)
Feminino	9(45,0)	8(44,4)	13(43,3)	2(5,0)	2(14,3)	8(47,1)	3(37,5)	2(33,3)	3(50,0)
NI	1(5,0)	1(5,5)	3(10,0)	-	-	1(5,9)	-	1(16,7)	-
Total	20(50,0)	18(45,0)	30(75,0)	6(15,0)	14(35,0)	17(42,5)	8(20,0)	6(15,0)	6(15,0)

NI – não informado

*Inclui médicos e agentes comunitários de saúde

Houve predominância daqueles que alegaram tirar dúvidas sobre sexo com especialistas (42,5%) e com pais (35,0%). Quanto a este último dado, grande parte dos que tiram dúvidas sobre sexo com pais eram meninos (85,7%). Em relação à dúvida com especialistas, apesar do número elevado, é importante ressaltar que a maioria (31/40 – 77,5%) não consultou um profissional da saúde em exames médicos (tabela 2). Neste caso, assumimos que mesmo havendo confiança neste grupo de pessoas para sanar dúvidas sobre sexo, pode não ter ocorrido efetivamente a busca por profissionais de saúde para tirar dúvidas.

Considerações Finais

Há uma percepção incerta em relação a sexualidade, pois ao mesmo tempo em que eles relacionam sexo a algo prazeroso e natural, também há uma associação a casamento e filhos. Não tem muita diferença significativa da percepção entre meninos e meninas, porém as meninas vão mais ao especialista. Existem alguns pontos preocupantes, pois muitos não fazem exames preventivos independente se já tiveram relações sexuais ou não e aparentemente não possuem receio de contrair IST. Assim, considera-se que há uma necessidade de políticas públicas voltada para a educação sexual nas escolas.

Agradecimentos

Agradecemos à comunidade escolar onde a pesquisa foi desenvolvida, e à Universidade Estadual de Goiás, Campus Sudoeste, Sede Quirinópolis, Curso de Ciências Biológicas. Agradecemos também a todos os jovens estudantes que voluntariamente participaram desta pesquisa.

Referências

BEZERRA, E. O., et al. Representações sociais de adolescentes acerca da relação sexual e do uso do preservativo. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v.36, p.84-91, 2015.

COSTA-JÚNIOR, F. M. da; COUTO, M. T.; MAIA, A. C. B. Gênero e cuidados em saúde: Concepções de profissionais que atuam no contexto ambulatorial e hospitalar. **Sexualidad, Salud Y Sociedad**, v.23, p. 97-117. 2016.

FREITAS, K. R. de; DIAS, S. M. Z. Percepções de adolescentes sobre sexualidade. **Texto & Contexto- Enfermagem**, v. 19, n. 2, p. 351-357. 2010

FURLANETTO, M. F.; LAUERMANN, F.; COSTA, C. B. da; MARIN, A. H. Educação Sexual em Escolas Brasileiras: Revista Sistemática da Literatura. **Cadernos de Pesquisa**, v. 48, n. 168, p. 550-571. 2018.

GARBARINO, M. I. O tabu da educação sexual: gênese e perpetuação dos preconceitos na infância. **Cadernos Pagu**, São Paulo, SP, Brasil, n. 63. 2021.

GRECO, D. et al. Prevalence of STIs among adolescent men who have sex with men (MSM) and transgender women (TGW) at high risk of HIV infection. Trabalho apresentado no AIDS 2020 – 23rd International AIDS Conference San Francisco and Oakland, US, on 6-10 July 2020.

RIBEIRO, P. R. M.; MONTEIRO, S. A. de S. Avanços e Retrocessos da Educação Sexual no Brasil: Apontamentos a partir da eleição presidencial de 2018. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v.14, n. 2, p. 1254-1264, 2019.

RODRIGUES, L. S.; SILVA, M. V. O. da; GOMES, M. A. V. Gravidez na Adolescência: suas implicações na adolescência, na família e na escola. **Revista Educação e Emancipação**, v.12, n. 2, 2019.

ROSA, L. M., et al. Promoção da Saúde na Escola: prevenção da gravidez e infecções sexualmente transmissíveis. **Brazilian Journal of Health Review**, v.3, n. 1, p. 706-716, 2020.

SASAKI, R. S. A., et al. Prevalência de relação sexual e fatores associados em adolescentes escolares de Goiânia, Goiás, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.20, p. 95-104, 2015.

TEIXEIRA, A. M. F. B., et al. Adolescentes e uso de preservativos: as escolhas dos jovens de três capitais brasileiras na iniciação e na última relação sexual. **Cadernos de Saúde Pública**, v.22, p.1385-1396, 2006.